

PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA - LEVANTAMENTO DA BIOTA

d'Horta, F.M., S.F. Gouveia & P.A. Rocha 2005. *Aves* pp.63-76. *In*: Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota (C.M. Carvalho & J.C. Vilar, Coord.). Aracaju, Ibama, Biologia Geral e Experimental - UFS.

AVES

Fernando Mendonça d'Horta
Sidney Feitosa Gouveia
Patrício Adriano da Rocha

Métodos

O levantamento da avifauna do domo de Itabaiana foi concentrado nas áreas em melhor estado de conservação. Foram amostradas sistematicamente:

- i) remanescentes de mata atlântica em estágio inicial de regeneração, porte baixo aproximadamente 6 m de altura, baixa diversidade de espécies, DAP predominante até 5 cm, atingindo 10-15 cm, sub-bosque limpo, ausência de epífitas,
- ii) remanescentes de mata atlântica em estágio médio e avançado de regeneração, maior porte, maior diversidade, estratificada, aproximadamente 15 m de altura, emergentes com cerca de 20 m de altura, DAP alcançando 60 cm ou mais, sub-bosque relativamente denso e regeneração vigorosa, poucas epífitas presentes,
- iii) formações abertas com mosaico herbáceo-arbustivos e grupamentos arbóreos heterogeneamente distribuídos.

O levantamento foi realizado através de observações diretas, gravações - playback e capturas com redes de neblina. Adicionalmente foram entrevistados moradores da região.

As observações foram feitas com binóculo Pentax 10X42, pela manhã e tarde, entre 0530-1200 e 1500-1830 horas. Em dois dias alternados as observações foram feitas no início da noite para registro da avifauna de hábito noturno.

As gravações foram feitas com equipamento Sony TCM 500 e microfone Sennheiser ME66. Gravações arquivadas também foram utilizadas nas identificações das espécies.

As capturas foram feitas com redes de neblina medindo 7-12 x 2,5 metros e

malha 36 mm, armadas em 3 linhas:

- linha 1, durante 5-7.ix.2004, armadas 7 redes distantes em remanescente de mata em estágio médio/avançado de sucessão secundária situado na vertente leste do domo,

- linha 2, durante 5-10.ix.2004, armadas 5 redes distantes aproximadamente 500 m entre si, em remanescente de mata em estágio inicial de sucessão secundária da vertente leste do domo,

- linha 3, durante 8-11.ix.2004, armadas 10 redes em fragmento de mata em estágio médio/avançado de sucessão secundária situado na vertente oeste do domo.

As redes permaneceram abertas durante todo o dia, com visitas periódicas para o registro e coleta dos indivíduos capturados. Todos os registros foram acompanhados de informações sobre o hábitat, horário e número absoluto ou relativo de indivíduos.

Os exemplares coletados foram encaminhados para a coleção de aves do Museu Paraense Emílio Goeldi. A coleta respeitou a determinação da Licença nº 002-2004-CGFAU/LIC, emitida pelo Ibama.

Distribuição local, mata atlântica e caatinga

Foram registradas 55 espécies (21 famílias) de Não-Passeriformes e 68 espécies (18 famílias) de Passeriformes (Tabela 1); destas, 21 espécies foram coletadas (36 espécimes), 4 foram registradas por entrevistas. Entre os Não-Passeriformes as famílias que apresentaram maior número de espécies foram Accipitridae (6), Falconidae (6), Columbidae (5) e Strigidae (5); entre os Passeriformes foram Tyrannidae (16), Emberizidae (10) e Thraupidae (9). As aves registradas podem ser divididas em 3 grupos: espécies de mata atlântica, caatinga ou de ampla distribuição.

Áreas fechadas

As aves dos remanescentes florestais possuem uma identidade biogeográfica que é produto da combinação entre espécies de mata atlântica com elementos tipicamente amazônicos. Restritas à mata atlântica temos *Ortalis araucuan*, *Thalurania glaucopis* e *Ramphocelus bresilius*; como influência amazônica temos *Myrmotherula axillaris* e *Chiroxiphia pareola*. A maioria das espécies de mata registradas apresentam ampla distribuição, muitas delas ocorrendo na caatinga,

cerrado e no chaco, sempre associadas às formações florestais, como as matas de galeria ou enclaves de mata de diversos tipos.

As áreas de mata do domo constituem um mosaico composto por formações de diferentes extensões, formas e estágios de regeneração (Vicente *et al.*, este volume). Muitos estudos têm mostrado uma forte relação entre diversidade de espécies e a estrutura da vegetação (e.g. Aleixo, 1999; Johns, 1991; Karr & Roth, 1971; Thiollay, 1992; Willis, 1979). Estes estudos mostram que, em geral, a riqueza de espécies de aves aumenta ao longo do gradiente sucessional de uma floresta à medida que esta se aproxima do estágio mais maduro.

Algumas aves tipicamente florestais estão presentes nos remanescentes do domo, como *Myrmotherula axillaris*, *Chiroxiphia pareola* e *Myiobius barbatus*. Entretanto, nota-se clara alteração na composição da avifauna dos ambientes amostrados, quando comparado com remanescentes em bom estado de conservação. Essas diferenças devem-se principalmente à perda de espécies mais sensíveis às alterações ambientais.

Áreas abertas

As espécies de aves registradas nestas formações têm ampla distribuição ou são restritas à caatinga. O grupo de aves de ampla distribuição, mais numeroso, é composto por espécies generalistas que tendem a ser menos sensíveis às alterações antrópicas, tais como *Nothura maculosa*, *Vanellus chilensis*, *Aratinga aurea*, *Crotophaga ani*, *Furnarius rufus*, *Formicivora grisea*, *Tyrannus melancholicus*, *Fluvicola nengeta* e *Sicalis flaveola*. Além da baixa sensibilidade às perturbações nos seus habitats, algumas espécies de áreas abertas podem até mesmo se beneficiar destas, como *Coragyps atratus*, *Caracara plancus*, *Vanellus chilensis*, *Pitangus sulphuratus* e *Troglodytes aedon*. Entretanto, quanto mais intensas forem as transformações ambientais, menor o grupo de espécies beneficiadas.

Dentre as espécies registradas nas áreas abertas, merece atenção *Herpsilochmus pectoralis*, endêmica da caatinga e considerada ameaçada de extinção (Stattersfield *et al.*, 1998; BirdLife International, 2005). Tipicamente associada a ambientes florestais, esta espécie foi observada principalmente associada a árvores isoladas em áreas abertas da encosta leste do domo.

Ecologia

Abundância Relativa

As aves registradas no domo foram classificadas, quanto à abundância relativa (Gráfico 1, Tabela 1), em comuns, relativamente comuns e incomuns (Stotz *et. al.*, 1996).

As aves comuns são registradas mais facilmente nos levantamentos curtos, pois chegam a apresentar 15 ou mais indivíduos por Km²; na área respondem por metade das espécies observadas. Por outro lado, em curtos períodos é dificultado o registro das aves que apresentam baixas densidades populacionais.

Entre as aves incomuns destacam-se *Ortalis araucuan* e *Myiobius barbatus*, espécies associadas às áreas de mata. *Herpsilochmus pectoralis*, de áreas abertas, é considerada espécie incomum (Stotz *et al.*, 1996) mas no domo de Itabaiana é relativamente comum.

Entre as espécies comuns temos *Rupornis magnirostris*, *Columbina talpacoti*, *Aratinga aurea*, *Athene cunicularia*, *Thalurania glaucopis*, *Tyrannus melancholicus*, *Troglodytes aedon*, *Paroaria dominicana* e *Tachyphonus rufus*.

Uso do Hábitat

A cobertura vegetal do domo de Itabaiana é um mosaico formado por remanescentes de formações florestais e abertas, em diferentes estados de conservação. As aves distribuem-se de forma heterogênea nessa paisagem,

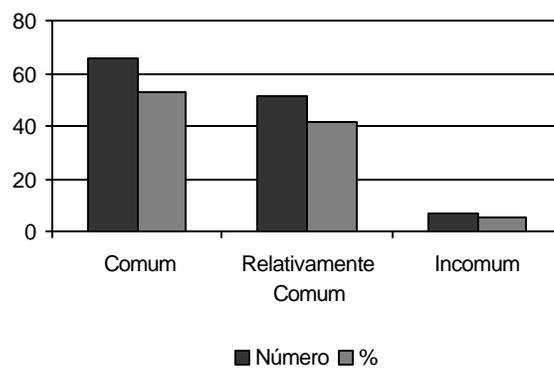


Gráfico 1. Distribuição das espécies de aves quanto à abundância relativa, domo de Itabaiana, Sergipe.

principalmente em função da dependência ou não da mata, de acordo com as características ecológicas de cada espécie (Silva, 1995; Silva *et al.*, 2003; Gráfico 2, Tabela 1).

Dentre as 123 espécies registradas, 29 (23.5%) são consideradas dependentes de ambientes florestais, 39 (31,7%) semidependentes. As 55 espécies restantes (44,7%) não apresentam qualquer dependência desses ambientes. As aves que são dependentes e semindependentes da mata perfazem 55.2% das espécies.

É relevante o fato de pouco mais da metade das aves apresentarem algum vínculo com áreas florestais. As áreas florestadas do domo, apesar de bastante alteradas, ainda são capazes de dar suporte às espécies de aves típicas desses ambientes. Este fato ganha maior relevância quando constatamos que são reconhecidas várias subunidades biogeográficas para a mata atlântica (Silva *et al.*, 2004), e que a área encontra-se inserida em região onde esses ambientes foram praticamente extintos, entre o recôncavo baiano e o rio São Francisco.

Sensitividade

A supressão de vegetação, corte seletivo e fragmentação de habitats acarretam mudanças nas condições microclimáticas e alteram os padrões de disponibilidade de alimento e locais para reprodução das aves. A capacidade de os indivíduos responderem a estímulos e se adaptarem a situações de estresse ambiental varia entre

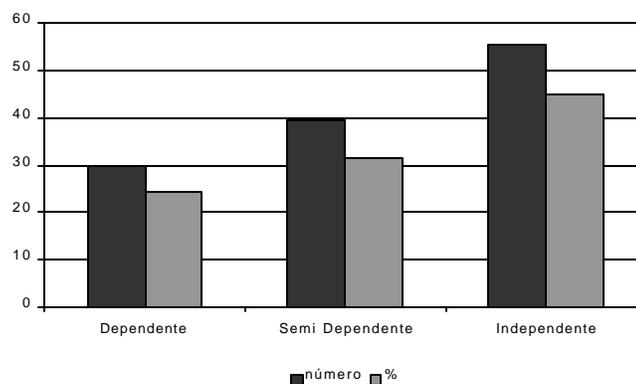


Gráfico 2. Distribuição das espécies de aves quanto à dependência de ambientes florestais, domo de Itabaiana, Sergipe.

as espécies. No caso do domo, as espécies mais sensíveis que compunham a sua avifauna provavelmente não resistiram às mudanças ambientais, o que deve ter ocasionado vários eventos de extinção local. Nesta situação podem ser enquadradas algumas as aves típicas de sub-bosque das famílias Furnariidae, Dendrocolaptidae e Thamnophilidae; terrícolas de grande porte da família Tinamidae; grandes frugívoros das famílias Ramphastidae e Cotingidae; ou mesmo grandes predadores das famílias Falconidae, Accipitridae e Strigidae.

Com relação aos níveis com que podem suportar intervenções em seus habitats as aves do domo podem ser consideradas de alta, média e baixa sensibilidade (Stotz *et al.*, 1996; Gráfico 3, Tabela 1).

As aves de alta sensibilidade (3.2%) são *Aramides cajanea*, *Chiroxiphia pareola* e *Myiobius barbatus*. As de média sensibilidade (22.3%) reúnem tanto espécies associadas às matas como às áreas abertas. No primeiro grupo estão *Ortalis araucuan*, *Thalurania glaucopis*, *Myrmotherula axillaris*, *Leptopogon amaurocephalus*, *Myiobius barbatus* e *Chiroxiphia pareola*; no segundo *Aratinga aurea*, *Elaenia cristata* e *Tangara cayana*.

As aves de baixa sensibilidade (68.5%) são as que apresentam maior resiliência, adaptando-se bem nos ambientes perturbados. Dentre estas estão *Crypturellus parvirostris*, *Casmerodius albus*, *Herpetotheres cachinnans*, *Chlorostilbon aureoventris*, *Sicalis flaveola*, *Bubulcus ibis*, *Coragyps atratus*, *Rupornis magnirostris*, *Furnarius rufus* e *Pitangus sulphuratus*.

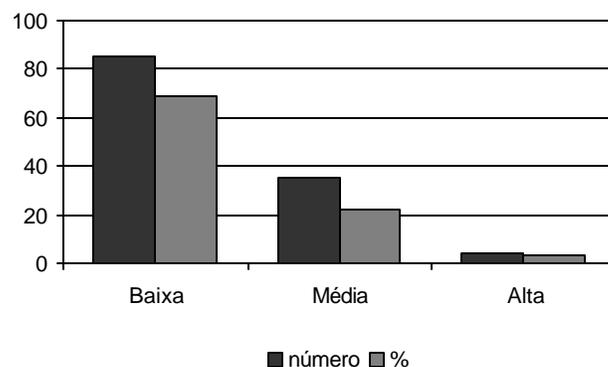


Gráfico 3. Composição da avifauna quanto à sensibilidade a distúrbios em seus habitats.

Conservação

Ecologicamente o domo de Itabaiana situa-se na transição entre a caatinga e a mata atlântica, ambos os domínios sob intensa pressão antrópica. Estima-se que entre 30% e 50% da área original da caatinga foi intensamente alterada pelo homem (Castelletti *et al.*, 2003). A mata atlântica foi reduzida a menos de 8% da sua extensão original, o que, devido a sua alta diversidade e endemismos, levou a ser reconhecida como *hotspot*, um dos biomas mais ameaçados do planeta (Mittermeier *et al.*, 2000).

Os dados obtidos em campo mostram, no conjunto, que a comunidade de aves do domo, apesar de alterada devido à fragmentação de habitats, caça e captura, ainda guarda forte identidade com os ecossistemas originais. A presença de espécies florestais, como *Ortalis araucuan*, *Myrmotherula axillaris*, *Chiroxiphia pareola*, e da espécie endêmica de caatinga *Herpsilochmus pectoralis*, considerada ameaçada de extinção, evidenciam a sobrevivência de populações de grande interesse, o que reforça a relevância desta área como patrimônio biológico.

Referências

- Aleixo, A. 1999. Effects of selective logging on a bird community in the Brazilian Atlantic forest. **Condor** 101: 537–548.
- BirdLife International, 2005. **Species factsheet: *Herpsilochmus pectoralis***. Downloaded from <http://www.birdlife.org> on 11/1/2006.
- Castelletti, C.H.M., A.M.M. Santos, M. Tabarelli & J.M.C. Silva, 2003. Quanto ainda resta da Caatinga? Uma estimativa preliminar. *In: Ecologia e conservação da caatinga* (Leal, I. R. *et al.*, Eds). Ed. Universitária, Universidade Federal de Pernambuco.
- Johns, A.D. 1991. Responses of Amazonian rain forest birds to habitat modification. **Journal of Tropical Ecology** 7: 417–437.
- Karr, J.R. & R.R. Roth, 1971. Vegetation structure and avian diversity in several New World areas. **The American Naturalist** 105:423-35.
- Mittermeier, A.R., C.G. Mittermeier & N. Myers, 2000. **Hotspots: The Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions**. Conservation International 432 p.
- Silva, J.M.C. 1995. Birds of the Cerrado Region, South America. **Steenstrupia** 21 (2): 69-92.
- Silva, J.M.C., M.A. Souza, A.G.D. Bieber & C.J. Carlos, 2003. Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade. *In: Ecologia e conservação da caatinga* (I. R. Leal, M. Tabarelli & J.M.C. Silva, Eds.). Ed. Universitária, Universidade Federal de Pernambuco.

- Silva, J.M.C., M.C. Souza & C.H.M. Castelletti, 2004. Areas of endemism for passerine birds in the Atlantic Forest. **Global Ecology and Biogeography** 13:85-92.
- Stattersfield, A.J., M.J. Crosby, A.J. Long & D.C. Wege, 1998. Endemic bird areas of the world. Priorities for biodiversity conservation. **BirdLife Conservation Series** num. 7.
- Stotz, D.F., J.W. Fitzpatrick, T.A. Parker III & D.K. Moskovits, 1996. **Neotropical birds: ecology and conservation**. Chicago, University of Chicago Press. 478 p.
- Thiollay, J.M. 1992. Influence of selective logging on bird species diversity in a Guianian rain forests. **Conservation Biology** 6(1):47-63.
- Willis, E.O. 1979. The composition of avian communities in remanescent woodlots in Southern Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia**, S. Paulo 33: 1–25.

Tabela 1. Aves do domo de Itabaiana.

	Sensitividade	Abundância Relativa	Uso do Habitat	Ambiente de Registro	Endemismo
Família Tinamidae					
<i>Crypturellus parvirostris</i>	B	C	I	A	N
<i>Rynchotus rufescens</i>	B	RC	I	A	N
<i>Nothura maculosa</i>	B	RC	I	A	N
Família Cracidae					
<i>Ortalis araucuan</i>	M	I	D	F	MATL
<i>Penelope superciliaris</i>	M	RC	D	F	N
Família Ardeidae					
<i>Tigrisoma lineatum</i>	M	RC	I	F	N
<i>Casmerodius albus</i>	B	C	I	A	N
<i>Bubulcus ibis</i>	B	C	I	A	N
<i>Butorides striata</i>	B	RC	I	A	N
Família Cathartidae					
<i>Cathartes aura</i>	B	C	I	S	N
<i>Cathartes burrovianus*</i>	M	I	I	S	N
<i>Coragyps atratus</i>	B	C	I	S	N
Família Accipitridae					
<i>Buteo albicaudatus</i>	B	RC	I	A	N
<i>Buteo albonotatus*</i>	M	I	I	F	N
<i>Buteo nitidus</i>	M	RC	S	A/F	N
<i>Rupornis magnirostris</i>	B	C	I	A	N
<i>Geranospiza caerulescens*</i>	M	I	S	A/F	N
<i>Buteogallus meridionalis</i>	B	RC	I	A	N
Família Falconidae					
<i>Milvago chimachima</i>	B	C	I	A	N
<i>Caracara plancus</i>	B	C	I	A	N
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	B	RC	S	A/F	N
<i>Falco sparverius</i>	B	RC	I	A	N
<i>Falco femoralis</i>	B	I	I	A	N
<i>Micrastur semitorquatus</i>	A	RC	S	F	N

Tabela 1. Aves do domo de Itabaiana (continuação).

	Sensitividade	Abundância Relativa	Uso do Habitat	Ambiente de Registro	Endemismo
Família Rallidae					
<i>Aramides cajanea</i>	A	RC	S	F	N
Família Charadriidae					
<i>Vanellus chilensis</i>	B	C	I	A	N
Família Columbidae					
<i>Columbina squammata</i>	B	C	I	A	N
<i>Columbina picui</i>	B	C	I	A	N
<i>Columbina talpacoti</i>	B	C	I	A	N
<i>Patageoenas picazuro</i>	B	C	I	A	N
<i>Zenaida auriculata</i>	B	C	I	A	N
Família Psittacidae					
<i>Aratinga aurea</i>	M	C	I	A	N
<i>Forpus xanthopterygius</i>	B	C	S	A/F	N
<i>Pionus maximiliani</i>	M	RC	S	S	N
Família Cuculidae					
<i>Crotophaga ani</i>	B	C	I	A	N
<i>Guira guira</i>	B	C	I	A	N
<i>Piaya cayana</i>	B	C	S	A/F	N
Família Tytonidae					
<i>Tyto alba</i>	B	RC	I	A	N
Família Strigidae					
<i>Megascops choliba</i>	B	C	S	F	N
<i>Glaucidium brasilianum</i>	B	C	S	A/F	N
<i>Rhinoptynx clamator*</i>	B	RC	I	A/F	N
<i>Athene cunicularia</i>	B	C	I	A	N
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	M	RC	S	F	N
Família Nyctibiidae					
<i>Nyctibius griseus</i>	B	C	S	A/F	N
Família Caprimulgidae					
<i>Nyctidromus albicollis</i>	B	C	S	A/F	N
<i>Caprimulgus rufus</i>	B	RC	S	A/F	N

Tabela 1. Aves do domo de Itabaiana (continuação).

	Sensitividade	Abundância Relativa	Uso do Habitat	Ambiente de Registro	Endemismo
Família Trochilidae					
<i>Phaetornis ruber</i>	M	C	D	F	N
<i>Chlorostilbon aureoventris</i>	B	C	S	A	N
<i>Thalurania glaucopis</i>	M	C	D	F	MATL
Família Trogonidae					
<i>Trogon curucui</i>	M	RC	D	A	N
Família Alcedinidae					
<i>Chloroceryle americana</i>	B	C	S	A	N
Família Galbulidae					
<i>Galbula ruficauda</i>	B	C	S	A/F	N
Família Bucconidae					
<i>Nystalus maculatus</i>	M	RC	S	A	N
Família Picidae					
<i>Picumnus exilis</i>	M	RC	S	F	N
<i>Veniliornis passerinus</i>	B	C	S	A	N
Família Thamnophilidae					
<i>Thamnophilus punctatus</i>	B	C	S	A	N
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	B	C	D	F	N
<i>Myrmotherula axillaris</i>	M	C	D	F	N
<i>Herpsilochmus pectoralis</i>	M	RC	S	A	CAA
<i>Formicivora grisea</i>	B	C	S	A	N
Família Dendrocolaptidae					
<i>Xiphorhynchus picus</i>	B	C	S	A/F	N
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	M	C	D	F	N
Família Furnariidae					
<i>Furnarius rufus</i>	B	C	I	A	N
<i>Synallaxis frontalis</i>	B	RC	D	A	N
<i>Phacelodomus rufifrons</i>	M	C	S	A	N
<i>Xenops rutilans</i>	M	RC	D	A	N
Família Tyraniidae					
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	M	RC	D	F	N

Tabela 1. Aves do domo de Itabaiana (continuação).

	Sensitividade	Abundância Relativa	Uso do Habitat	Ambiente de Registro	Endemismo
Família Tyraniidae					
<i>Hemitriccus margaritaceiventrís</i>	M	C	S	A/F	N
<i>Hemitriccus striatícollis</i>	M	RC	S	A/F	N
<i>Todirostrum fumífrons</i>	B	RC	S	A	N
<i>Elaenia cristata</i>	M	RC	I	A	N
<i>Camptostoma obsoletum</i>	B	RC	I	A	N
<i>Phaeomyias murina</i>	B	RC	I	A	N
<i>Myobius barbatus</i>	A	I	D	F	N
<i>Lathrotríccus euléri</i>	M	RC	D	F	N
<i>Fluvícola nengeta</i>	B	RC	I	A	N
<i>Myiozetetes similis</i>	B	C	S	A	N
<i>Pitangus sulphuratus</i>	B	C	I	A	N
<i>Megarhynchus pitangua</i>	B	C	S	F	N
<i>Tyrannus melancholicus</i>	B	C	I	A	N
<i>Myarchus swainsoni</i>	B	RC	I	A	N
<i>Myarchus ferox</i>	B	RC	S	A	N
Família Pipridae					
<i>Neopelma pallescens</i>	M	RC	D	F	N
<i>Manacus manacus</i>	B	RC	D	A/F	N
<i>Chiroxiphia pareola</i>	A	RC	D	F	N
Família Vireonidae					
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	B	C	S	A/F	N
<i>Vireo olivaceus</i>	B	C	D	A	N
<i>Hylophilus poicilotis</i>	M	C	D	F	N
Família Polioptilidae					
<i>Polioptila plumbea</i>	B	RC	S	A	N
Família Hirundinidae					
<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	B	C	I	S	N
<i>Progne tapera</i>	B	C	I	S	N
<i>Progne chalybea</i>	B	C	I	S	N
Família Troglodytidae					
<i>Thryothorus genibarbis</i>	B	RC	D		N

Tabela 1. Aves do domo de Itabaiana (continuação).

	Sensitividade	Abundância Relativa	Uso do Habitat	Ambiente de Registro	Endemismo
Família Troglodytidae					
<i>Thryothorus longirostris</i>	B	RC	D		N
<i>Troglodytes aedon</i>	B	C	I	A	N
Família Turdidae					
<i>Turdus leucomelas</i>	B	C	S	A/F	N
<i>Turdus rufiventris</i>	B	C	I	A/F	N
Família Mimidae					
<i>Mimus saturninus</i>	B	C	I	A	N
Família Coerebidae					
<i>Coereba flaveola</i>	B	C	S	A	N
Família Thraupidae					
<i>Nemosia pileata</i>	B	RC	D	A/F	N
<i>Tachyphonus rufus</i>	B	C	D	A	N
<i>Tachyphonus cristatus</i>	M	RC	D	F	N
<i>Ramphocelus bresilius</i>	B	RC	D	A/F	MATL
<i>Thraupis sayaca</i>	B	C	S	A	N
<i>Tangara cayana</i>	M	RC	I	A	N
<i>Dacnis cayana</i>	B	RC	S	A/F	N
<i>Cyanerpes cyaneus</i>	B	RC	D	F	N
<i>Hemithraupis guira</i>	B	C	D	F	N
Família Emberizidae					
<i>Zonotrichia capensis</i>	B	C	I	A	N
<i>Ammodramus humeralis</i>	B	C	I	A	N
<i>Sicalis flaveola</i>	B	C	I	A	N
<i>Volatinia jacarina</i>	B	C	I	A	N
<i>Sporophila nigricollis</i>	B	RC	I	A	N
<i>Sporophila alogularis</i>	M	RC	I	A	N
<i>Oryzoborus angolensis</i>	B	C	I	A/F	N
<i>Arremon taciturnus</i>	M	RC	D	A/F	N
<i>Coryphospingus pleatus</i>	B	RC	I	A	N
<i>Paroaria dominicana</i>	B	C	I	A	N

Tabela 1. Aves do domo de Itabaiana (continuação).

	Sensitividade	Abundância Relativa	Uso do Habitat	Ambiente de Registro	Endemismo
Família Cardinalidae					
<i>Saltator maximus</i>	M	RC	D	F	N
<i>Cyanocopsa brissonii</i>	M	RC	D	F	N
Família Parulidae					
<i>Parula pitiayumi</i>	M	C	D	F	N
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	B	C	I	A	N
Família Icteridae					
<i>Icterus pyrrhopterus</i>	M	RC	S	A/F	CAA
Família Fringillidae					
<i>Euphonia chlorotica</i>	B	C	S	A/F	N

*Espécies registradas exclusivamente através de entrevistas

Sensitividade: A – Alta, M – Média, B – Baixa

Abundância Relativa: C – Comum, RC – Relativamente Comum, I – Incomum

Uso de Hábitat: D – Dependente, S – Semi-Dependente, I – Independente ou Não-Dependente

Ambiente de Registro: F – Formações Florestais, A – Formações Abertas, S – Sobrevôo

Endemismos: MATL – Mata Atlântica, CAA – Caatinga